

CADERNO DE ATIVIDADES

O cinema é um agente da história e interfere nela, seja por sua indústria, pela formação da opinião pública e de influência nos costumes, pelos governos e grupos sociais que impõem seus discursos e ideologias. Estes elementos nos remetem claramente à construção do cinema moçambicano no pós-independência. Da mesma forma, ele também é produto da história, e um meio para que se possa analisar as condições de onde foi produzido, já é um produto cultural inserido em determinado contexto sócio-histórico que carrega marcas da sociedade que o produziu. Ou seja, um filme sempre fala do presente e do seu contexto de produção. Mesmo as obras que não são caracterizadas como políticas ou engajadas trazem em si ideologias, imaginários, relações de poder e padrões culturais.

O público consumidor também se inscreve nesse contexto, já que ele é sempre considerado no momento da elaboração de um filme. Com isso, podemos afirmar é que *Virgem Margarida* nos diz muito a respeito da sociedade moçambicana atual e seu contexto além do óbvio de dizer sobre a mesma sociedade no pós-independência, em 1975. Em finais de 1975, após a vitória contra a colonização portuguesa na guerra pela independência, prostitutas de norte a sul de Moçambique foram levadas para centros de reeducação na convicção de que, através da disciplina e trabalhos forçados, impostos por militares de pureza revolucionária, corrigissem a "má vida" e se transformassem na "mulher nova" socialista. Mas um equívoco desestabiliza as mulheres.

Assim, a crítica aos campos de reeducação e a narrativa da Frente de Libertação de Moçambique, a FRELIMO, parecem ser aspectos recorrentes na sociedade moçambicana que, desde o fim da guerra civil, tem observado uma diminuição das ideias associadas ao marxismo frelimista. Reflete também como Licínio Azevedo procurar reviver a memória do período através da crítica presente na película, e de como esses são temas caros à sociedade moçambicana atual. O longa-metragem de Licínio Azevedo é uma obra do cinema moçambicano e retrata um episódio marcante e que ainda é uma ferida na história recente do país, sendo um dos objetivos mostrar uma visão construída pelo povo moçambicano, para o povo moçambicano. Apesar disso, estar em contato com uma produção tão diferente do que comumente se assiste tanto em relação a origem quanto ao

enredo, proporciona uma maior diversificação de temas como a Descolonização da África e nacionalismos, por exemplo.

Na proposta desenvolvida na dissertação, exploramos a riqueza de *Virgem Margarida*, do diretor brasileiro radicado em Moçambique. Bastante forte e crítica, a obra nos proporciona uma série de reflexões sobre a condição das mulheres em sociedades patriarcais guiadas por uma moral conservadora, os papéis de gênero que delas são esperados, as violências que as acometem e os caminhos para sua emancipação. Também nos possibilita o estudo da história de Moçambique contemporâneo e o projeto de construção nacional desenvolvido pela FRELIMO, visto que tais questões são ambientadas em um dos campos de reeducação construídos pelos revolucionários. As imprecisões históricas existentes no filme, assim como a ausência de qualquer menção a organização, não invalidam seu potencial educativo, pois fazem parte das especificidades da narrativa cinematográfica. Cabe aos professores saber explorar as temáticas citadas, tão pouco abordadas nas escolas.

As atividades, para além dos temas históricos, apresentam exercícios práticos e viáveis para o cinema na escola. São atividades sobretudo de roteiro, edição e filmagem, extremamente enriquecedoras, principalmente quando propomos as releituras do longa-metragem sob a perspectiva de alunos do Ensino Médio. Assim, abrimos a possibilidade de ver como, por exemplo, meninas adolescentes filmariam e editariam uma sequência sobre militarismo, ou como meninos construiriam um curta-metragem sobre autolibertação feminina.

Fica também a sugestão para docentes que se interessem pela temática ou pelo método de análise fílmica de Alain Bergala (2006), sendo inclusive possível aplicá-lo a outros filmes. A proposta requer poucos recursos, TV ou computador com projetor, e pen drive ou aparelho de DVD, celular ou câmera filmadora, e oferece muitas possibilidades, podendo se ajustar aos interesses, necessidades e disponibilidades de professores e alunos. Os alunos aparecem como sujeitos das aulas, e não apenas como meros depósitos de conteúdos, o que é de extrema relevância num contexto de escolas públicas onde muitas vezes parecem não haver oportunidades para fugir do que o sistema destina aos discentes.

Outra questão importante que foi levantada é a de que o filme possibilita, por meio do processo de reeducação das mulheres representado, o desenvolvimento de um

olhar não androcêntrico e não europeu sobre a História. Tal afirmativa pode ser considerada verdadeira se levarmos em conta o ponto de vista das personagens e a proposta didática que viabiliza a análise da obra pelo ponto de vista das reeducandas, tendo como base os estudos de gênero para nossas reflexões acerca da condição feminina na sociedade. O projeto sociocultural frelimista nos serve de modelo para discutirmos os papéis sociais femininos, não só em Moçambique como em outras sociedades. O diretor traz à tona explicitamente, mesmo que em situações inverossímeis, o que se esperava das reeducandas, mostrando que a sujeição de mulheres moçambicanas ao processo de reeducação implementado após a independência deveu-se não só aos resquícios de uma cultura patriarcal na sociedade moçambicana, mas também da moral cristã trazida pelos seus líderes. Esse papel desejado às mulheres moçambicanas não é essencialmente diferente do que se espera das mulheres na nossa sociedade.

A dissertação, a princípio pensada para focar no ensino de história da África, expandiu-se e ganhou um significado mais amplo. Gênero, violência contra a mulher e emancipação feminina ganharam destaque e, associados à história de Moçambique, deram corpo a este trabalho, extremamente transformador para minha docência. As discussões apresentadas ao longo do trabalho são pertinentes visto que a formação escolar não se limita a assimilação de conteúdos. Refere-se a formação de cidadãos críticos que sejam aptos a questionar o mundo ao seu redor, a experimentar a alteridade e elaborar novas reflexões sobre os mais diversos assuntos, contribuindo para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, as atividades apresentadas a seguir foram elaboradas com base na metodologia descrita no capítulo IV da dissertação, “*Virgem Margarida* na sala de aula”, e se tratam de sugestões de utilização de *Virgem Margarida* aos professores do 3º ano do Ensino Médio. São seis propostas que podem ser utilizadas de forma conjunta em uma sequência didática, ou separadamente, de acordo com a intenção e a disponibilidade de tempo dos docentes. Serão utilizadas combinadas com os textos e vídeos complementares. O ideal é que, para cada atividade, tenha-se pelo menos a disponibilidade de uma hora-aula.

Em cada uma, será apresentado um guia de como se deve conduzir a atividade, porém vale lembrar que elas não são propostas engessadas. Cada um deve, de acordo com

a sua realidade, adaptá-las para que sejam realizadas da melhor forma possível, sem que se percam seus objetivos principais.

As personagens femininas

A cena que abre o longa-metragem situa-o no momento histórico estudado. Com a legenda "Moçambique 1975" e "Inspirado em acontecimentos e personagens reais", enfatiza cartazes com frases como "A luta continua", "Unidade, trabalho e vigilância" e "Independência ou morte: venceremos", segurados por pessoas na traseira de um caminhão. As protagonistas são apresentadas logo em seguida: Rosa saía de casa para trabalhar, ao que tudo indica, como prostituta, pois é retratada oferecendo “serviços” a marinheiros. Suzana, mãe solteira, deixa os dois filhos aos cuidados de uma vizinha enquanto sai para o seu trabalho de dançarina. Luísa se arrumava para sair enquanto sua mãe reclamava que sua roupa era indecente; na sequência seguinte, está em uma conversa íntima com um homem. Estas, no filme, são as que constantemente se recusam a enquadrar-se nas normas estabelecidas no campo. Margarida aparece logo depois, já capturada pelos militares, na caçamba do caminhão que transportará as mulheres, porém sua história só será introduzida posteriormente quando a própria a conta a Luísa que, por sua vez, tem dificuldade em acreditar. Já Maria João representa o governo da FRELIMO e a imposição dos novos hábitos para a formação das “mulheres novas”.

A proposta criativa para o cinema na escola, com o qual o professor trabalha o filme adotando articulação e combinação de fragmentos, faz com que o aluno aproprie-se do filme e permite que ele volte no processo de criação como se ele próprio fosse o diretor do longa-metragem. Este método, pela decomposição e separação de imagens, permite a análise do processo criativo do diretor e o afloramento da imaginação dos discentes. Como nas aulas o tempo é curto, costumando variar entre uma hora e quarenta minutos a duas horas e trinta minutos por semana, há a possibilidade da edição do mesmo, articulando e combinando seus fragmentos. Como eixos norteadores da edição e articulação dos fragmentos, estarão: descolonização e independência de Moçambique, nação e progresso, militarismo, trabalho e regeneração, reeducação, papéis sociais femininos, violência contra a mulher e autoemancipação feminina.

As protagonistas conduzirão algumas das propostas da sequência didática e de releitura do filme a partir de alguns eixos norteadores. Cada uma das mulheres da obra possui histórias singulares e vivenciaram o campo de formas diferentes, tendo potencial para serem inseridas na análise fílmica que será apresentada. Suas histórias servem para se pensar o papel social daquelas mulheres e a lógica social na qual elas se encontravam, fazendo-nos refletir sobre as narrativas de vida das personagens, para pensar nos espaços que são produzidos quando se cruzam, suas individualidades e sociabilidades.

Junto da descrição das personagens, estão quatro vídeos editados do original, *Virgem Margarida*. Os recortes por mim realizados apresentam as principais personagens do filme individualmente e podem ser utilizados caso não se opte por exibir o filme na íntegra. Assim, restringem-se a possibilidade de atividades, porém o docente pode priorizar atividades em que a abordagem é focada em questões como a violência contra a mulher, o militarismo, a ideologia da FRELIMO e o processo de reeducação.

Margarida

Personagem que dá nome ao filme, a camponesa virgem e analfabeta que estava indo à cidade para comprar seu enxoval de casamento, o qual já havia sido loboado, e, por estar sem documentos, acabou sendo levada para o campo de reeducação como se fosse uma prostituta¹. Apesar de sempre defender sua inocência e jurar que nunca havia tido relações sexuais com nenhum homem, sofreu o mesmo processo do que as, digamos, “culpadas” por seus comportamentos erráticos. Ao longo do filme, percebemos que a personalidade de Margarida é construída de forma a contrastar radicalmente das demais reeducandas, pois é totalmente diferente ao ser mais recatada na maneira de agir, falando baixo e olhando as demais com certo respeito, o que às vezes soa até como submissão. Sua indumentária é mais recatada, com uma saia longa, camisa discreta e penteado simples, evidenciando sua origem camponesa. De todas no campo, é ela que se destaca por ser habituada ao meio rural, mais apta para os serviços do campo, de cuidado ao lar como esposa e mãe e ao papel da Mulher Nova proposta pelo regime frelimista.

¹ Vídeo sobre a personagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGeV59OkHoE>

As características da personagem representam a tradição numa sociedade que estava passando por uma mudança intensa, na qual seus líderes rejeitavam em parte tradições como o lobolo e as religiões ancestrais, por exemplo. Ao mesmo tempo, representa também a valorização da virgindade e da devoção feminina ao lar e à família nuclear dentro de estruturas patriarcais. Há também o analfabetismo de Margarida, porém o combate a ele pela FRELIMO não é retratado no filme.

Percebe-se então, em Margarida, a mulher que melhor representaria uma figura feminina ideal em sociedades fortemente patriarcais, onde mulheres estão sujeitas a rígidas estruturas e à tradição, sem muita possibilidade de transformação de sua condição. Além disso, é cruelmente vítima de um estupro cometido por um homem do exército de libertação, uma instituição que supostamente deveria protegê-la, trazendo à tona o dado que os corpos femininos estarão sempre à mercê de abusos do tipo enquanto houver dominação masculina. Mesmo não sendo uma “mulher da má vida”, ainda está suscetível a tal violência, mostrando como o controle dos corpos e da sexualidade feminina se manifesta de diversas formas.

Seu final sugere que ela irá se suicidar. O suicídio aparece como uma maneira de escapar daquela realidade, pois, talvez, a personagem não fosse capaz de continuar vivendo depois de tudo a que fora acometida. O fim da personagem nos faz refletir sobre a condição das mulheres na nossa sociedade: como sobreviver mesmo com toda violência a que mulheres são constantemente submetidas?

Rosa

Dentre as reeducandas que protagonizam a história, Rosa é a única cujo exercício da prostituição fica explícito no longa-metragem². Sua figura, nas primeiras cenas do filme, retrata um estereótipo da prostituta no senso comum, oferecendo seus serviços nas ruas à noite, com roupas curtas e atitude ousada. Na medida em que a trama se desenrola, a personagem mostra-se uma mulher de temperamento forte, um tanto rebelde, que não aceita se sujeitar às rígidas regras do campo e abaixar a cabeça diante dos castigos e injustiças, criando conflitos com as colegas de confinamento. Ao mesmo tempo, Rosa desde o início se manifesta contra as violências perpetradas pelas militares, sendo

² Vídeo sobre a personagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9sMxIz6Q20w>

inclusive a pessoa que tenta negociar a liberdade de Margarida e que denuncia o assédio do comandante Felisberto.

Rosa parece o tipo de pessoa que é capaz de fazer o que estiver ao seu alcance para sobreviver. Talvez tenha sido levada a se prostituir devido às circunstâncias da vida, já que vive em uma localidade pobre e sua mãe é paraplégica. Por estar com fome, não hesita em furtar um enlatado enquanto era levada ao campo. Segundo Licínio Azevedo, era a personagem menos provável a voltar a se prostituir. Assim, podemos caracterizá-la como uma mulher que seguiu tal caminho devido à marginalização e à falta de oportunidades, e cuja personalidade foi forjada num meio extremamente hostil às mulheres pobres. Suas atitudes são alguém que precisa ser forte e fazer o quer for necessário para sobreviver.

A figura da prostituta, ao mesmo tempo em que representa uma mulher marginal na sociedade com seu corpo objetificado segundo a vontade dos homens, representa também alguém necessária para satisfazer a sexualidade masculina num contexto onde a virgindade é exaltada e valorizada a fim de formar famílias nucleares sob uma ideologia cristã ocidental. A existência de Rosa é, então, uma antítese das sociedades patriarcais. Uma mulher que precisa ser combatida, mas que sofre assédio de quem deveria combatê-lo. Seu corpo é visto como mercadoria não só nas ruas boêmias de Maputo, mas também pelo próprio comandante Felisberto, militar que nos discursos oficiais a via como uma figura reacionária, símbolo da opressão colonial.

Maria João

Designada para chefiar um campo de reeducação, a comandante Maria João é membro das forças revolucionárias de Moçambique e possui em si diversas nuances acerca da condição feminina³. O filme enfatiza sua personalidade metódica, disciplinada e disciplinadora, comprometida com os ideais revolucionários, forte, que “é mulher, mas também pode ser homem” com sua farda, armada e dando ordens, mas que, apesar disso, mantém o mais estereotipado dos desejos femininos no senso comum de uma sociedade patriarcal: casar, ter filhos e assim constituir família. Ocupa um lugar que não é tipicamente feminino, e sua aparência é bastante masculinizada, com os cabelos curtos e

³ Vídeo da personagem disponível <https://www.youtube.com/watch?v=iM5XTak2I5o>

sempre fardada. Em uma cena, Rosa a confunde com um homem e aquilo parece ofendê-la.

Apesar de ser muito rígida com as reeducandas, fazendo-as trabalhar arduamente e impondo-lhes pesados castigos físicos, não é necessariamente uma pessoa má, mas apenas alguém que segue as regras e é obediente às diretrizes da “revolução”. Há um esforço do diretor em humanizá-la, pois em momento algum ela é vista como vilã na história. A personagem vive então um dilema entre seguir as regras e os ideais revolucionários por serem seu “dever com a pátria” ou abandonar o exército e seguir seu sonho de formar uma família.

Esta personagem seria a que mais se aproximaria do ideal de Mulher Nova desejado pela FRELIMO, engajada na causa e que pretende formar família. É por meio dela que a narrativa do filme comunica-nos da ideologia a ser implementada, além de nos mostrar como o ingresso na luta armada foi considerado uma possibilidade de emancipação feminina naquele contexto. Sua figura contrasta tanto com a da prostituta Rosa quanto com a da virgem Margarida, duas mulheres que representariam a opressão feminina, cada uma a sua maneira. Porém, vale ressaltar que mesmo ocupando um espaço tipicamente masculino, Maria João não deixa de sofrer opressões, já que é uma mulher que faz parte de uma instituição reacionária símbolo da dominação masculina.

Atividade I

Tema: A utilização do cinema no ensino de História: o filme <i>Virgem Margarida</i> e a política sociocultural em Moçambique pós-independência
Título: Primeiras Impressões
Conteúdos: O filme <i>Virgem Margarida</i> , que relata o processo de reeducação de mulheres em Moçambique pós-independência, e nos oferece diversas possibilidades para sua utilização no ensino de História.
Objetivos: Promover o debate, permitir aos alunos explorarem tanto sua interpretação quanto questionamentos sobre a revolução e as questões tratadas no filme. Explorar questões sobre a visualidade do filme: locações, música, fotografia, cultura material implícita, elenco.
Recursos necessários: <i>Virgem Margarida</i> , cadernos, projetor, computador ou TV com DVD.

Desenvolvimento: primeiro vamos assistir ao filme na íntegra e logo após iniciar um ou mais grupos de debates sobre o que eles entenderam do filme, da trama, sobre a revolução, sobre o local em que se passa a história, sobre as personagens e etc.
Avaliação: Questionar o sobre o momento histórico, já que durante o filme não se aprofundam tanto; Estar atento ao que os alunos destacaram sobre o filme e a partir daí dar continuidade as atividades. Aqui não há resposta certa ou errada, o interessante é estimular o debate e a variedade de respostas.

Atividade II

Tema: A utilização do cinema no ensino de História: o filme <i>Virgem Margarida</i> e a política sociocultural em Moçambique pós-independência
Título: Análise da Sinopse
Conteúdos: O filme <i>Virgem Margarida</i> , que relata o processo de reeducação de mulheres em Moçambique pós-independência, e nos oferece diversas possibilidades para sua utilização no ensino de História.
Objetivos: avaliar se o que os alunos levantaram está de acordo com a sinopse ou até mesmo se esta é fiel ao que é apresentado no filme. Além de introduzir o ensino histórico sobre o período e as questões relacionadas a independência de Moçambique.
Recursos necessários: <i>pôster</i> e sinopse do filme.
Desenvolvimento: Utilizando o textos complementar V, com os alunos sentados em círculo, promover o debate acerca das respostas da atividade, confrontando-as com a atividade anterior.
Avaliação: não há respostas certas ou erradas, o importante é fazer com que o aluno se coloque na posição de diretor do filme com questionamentos sobre o que eles gostaram ou fariam diferente, estimulando-nos a reescrever a sinopse de acordo com o que assistiram.

Atividade III

Tema: A utilização do cinema no ensino de História: o filme <i>Virgem Margarida</i> e a política sociocultural em Moçambique pós-independência
Título: Um olhar sobre Licínio Azevedo
Conteúdos: O filme <i>Virgem Margarida</i> , que relata o processo de reeducação de mulheres em Moçambique pós-independência, e nos oferece diversas possibilidades para sua utilização no ensino de História.
Objetivos: conhecer o diretor do filme e suas motivações para produzir o filme e para produzi-lo, analisar a percepção que ele tem do momento histórico e o que ele quis passar ao fazer este filme. Enfatizar sobre tudo a motivação política da arte e não apenas estético. Que discursos sobre Moçambique Licínio Azevedo apresenta e que visão do país pretende passar através de seu filme?
Recursos necessários: entrevista com o diretor de cinema Licínio Azevedo (texto complementares VII), pen-drive, computador, tv/dvd e etc.
Desenvolvimento: Assistir à entrevista e, juntamente com o texto complementares VII e a fotografia <i>O Último Pão</i> , de Ricardo Rangel, estimular com que eles questionem o processo de criação e o posicionamento político do diretor, sempre ilustrando como o filme histórico não é neutro a obra sempre tem um ponto de vista do diretor, e que nem sempre ele é de acordo com a narrativa oficial ou com o senso comum. Muitas vezes a intenção é justamente indagar e subverter o senso comum.
Avaliação: procurar enfatizar os pontos descritos no desenvolvimento, fazer com que os alunos vejam a fotografia e imaginem o que ela significa e criem um roteiro a partir dela, dando título ao texto.

Atividade IV

Tema: A utilização do cinema no ensino de História: o filme <i>Virgem Margarida</i> e a política sociocultural em Moçambique pós-independência
Título: “A Mulher Nova”
Conteúdos: O filme <i>Virgem Margarida</i> , que relata o processo de reeducação de mulheres em Moçambique pós-independência, e nos oferece diversas possibilidades para sua utilização no ensino de História.

Objetivos: compreender os papéis de gênero designados a homens e mulheres em determinado contexto, compreender o que cada uma das personagens, descritas anteriormente no capítulo, nos mostra sobre a condição feminina, analisar como as relações de poder se estabelecem e se mantem e uma sociedade patriarcal, entender quem era a “Mulher Nova” desejada pela FRELIMO. Levantar questões universais acerca da condição feminina. Os alunos devem assistir os recortes do filme sobre as personagens e pontuar os trechos em que são tratados os temas a seguir: descolonização e independência de Moçambique, nação e progresso, militarismo, trabalho e regeneração, reeducação, papéis sociais femininos, violência contra a mulher, autolibertação feminina. Sugere-se que a turma seja dividida em grupos de até dez alunos.
Recursos necessários: edição com os trechos do filme e material complementar (textos II, III, IV, VI e IX), vídeo complementar “sinopse” e “Maria João”, celular com câmera e programa de edição de vídeo, câmera filmadora, computador com programa de edição de vídeo.
Desenvolvimento: apresentação aos alunos usando TV\DVD, computador e etc. exibição dos trechos editados apresentando a história de cada personagem durante o filme. Textos do material complementar. O professor pode optar pelo que acha mais pertinente, ou designar um grupo de alunos para cada um.
Avaliação: em debate estimular os alunos a levantarem questões sobre as relações de gênero na sociedade e no seu dia a dia. Filmar um documentário que trate da condição feminina na sociedade brasileira. Aqui seria interessante dividir grupos exclusivamente de meninos e de meninas, para que se confronte os olhares masculinos e femininos.

Atividade V

Tema: A utilização do cinema no ensino de História: o filme <i>Virgem Margarida</i> e a política sociocultural em Moçambique pós-independência
Título: Refilmando <i>Virgem Margarida</i>
Conteúdos: O filme <i>Virgem Margarida</i> , que relata o processo de reeducação de mulheres em Moçambique pós-independência, e nos oferece diversas possibilidades para sua utilização no ensino de História.

Objetivos: com as cenas já pontuadas e recortadas como proposta na atividade anterior os alunos devem fazer uma releitura das cenas com base nas suas interpretações e no que eles mudariam.
Recursos necessários: celular com câmera e programa de edição de vídeo, câmera filmadora, computador com programa de edição de vídeo. Calcula-se uma câmera para cada dez estudantes, talvez um pouco menos. Usando dois dedos de cada mão para formar um pequeno retângulo que represente o visor da câmera, pede-se que olhem através dele, fazendo um anúncio gestual do recorte que significa enquadrar, diante de tudo o que veem. Outro passo seria escrever um pequeno roteiro inicial com ideias que surgiram, mas que pode ser modificado com outras ideias e possibilidades que surgirão ao longo das filmagens.
Desenvolvimento: “O que você faria diferente?” ou “Como você adaptaria essa história para a sua vivência?” São perguntas que devem nortear essa atividade. Os alunos irão dirigir as filmagens das cenas, fazendo uma releitura atual dos temas presentes na edição realizada na atividade anterior. O ideal é que a turma seja organizada com, no máximo, 10 alunos para cada câmera. O professor deverá mostrar aos alunos como fazer os enquadramentos e as filmagens se necessário, como editar.
Avaliação: exibição dos filmes gravados.

Atividade VI

Tema: A utilização do cinema no ensino de História: o filme <i>Virgem Margarida</i> e a política sociocultural em Moçambique pós-independência
Título: A memória dos campos
Conteúdos: O filme <i>Virgem Margarida</i> , que relata o processo de reeducação de mulheres em Moçambique pós-independência, e nos oferece diversas possibilidades para sua utilização no ensino de História.
Objetivos: Discutir sobre os campos de reeducação e a memória que se quer construir deles na sociedade moçambicana.
Recursos necessários: material complementar (textos I, II, III, IV e IX), celular com câmera e programa de edição de vídeo, câmera filmadora, computador com programa de edição de vídeo.

Desenvolvimento: Aula expositiva com base no material complementar em anexo (textos I, II, III, IV e IX). Calcula-se uma câmera para cada dez estudantes, talvez um pouco menos. Usando dois dedos de cada mão para formar um pequeno retângulo que represente o visor da câmera, pede-se que olhem através dele, fazendo um anúncio gestual do recorte que significa enquadrar, diante de tudo o que veem. Outro passo seria escrever um pequeno roteiro inicial com ideias que surgiram, mas que pode ser modificado com outras ideias e possibilidades que surgirão ao longo das filmagens. Aqui, a ideia é que os alunos gravem depoimentos como se eles próprios tivessem vivido o processo histórico.

Avaliação: Exibição dos filmes gravados

MATERIAL COMPLEMENTAR

Os seguintes textos e imagens são um material complementar ao caderno de atividades e, em cada um, sugere-se em quais atividades se encaixam melhor. O professor deve apresentá-los aos alunos na medida em que realize as atividades.

Considerando que a proposta foi idealizada pensando em alunos que durante a trajetória escolar tiveram pouco ou nenhum contato com a História de Moçambique, o texto a seguir serve como introdução ao país e também como complemento às atividades, de acordo com o desejo do professor.

TEXTO I

Moçambique é um país da costa oriental da África Austral que tem como limites: a norte, a Tanzânia; a noroeste, o Malaui e a Zâmbia; a oeste, o Zimbábue, a África do Sul e a Suazilândia; a sul, a África do Sul; a leste, uma parte do Oceano Índico designada Canal de Moçambique. No Canal de Moçambique, os vizinhos são Madagascar e as Comores. A capital de Moçambique é Maputo, antes chamada de Lourenço Marques, durante a dominação portuguesa.



<https://pt.mapsofworld.com/africa/>

A única língua oficial de Moçambique é o português, que é falado principalmente como segunda língua por cerca de metade da população⁴. A população de cerca de 30 milhões de pessoas⁵ é composta predominantemente por povos Bantus. A religião mais popular em Moçambique é o cristianismo, mas há uma presença significativa de seguidores do islamismo.

⁴ Entre as línguas nativas mais comuns estão o macua, o tsonga e o sena.

⁵ Dados do ano de 2020 do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz>.



<https://pt.mapsofworld.com/mozambique/>

É um país de composição racial quase completamente negra⁶, 99% da população total de acordo com o censo de 2007. O restante 1% dividia-se entre mestiços com 0,45%,

⁶ O país é multiétnico, e os principais grupos, medidos pela língua materna, são o Emakhuwa com 25,3%, Xichangana com 10,3%, Cisena com 7,5%, Elomwe com 7%, Echuwabo com 5,1% e 30,1% outras línguas maternas moçambicanas.

brancos e indianos com 0,08% cada, outras raças com 0,03% e 0,4% cuja raça era desconhecida.

História

Período Pré-Colonial

Os mais antigos povos de Moçambique eram bosquímanos caçadores e coletores. As grandes migrações entre 200/300 d.C. dos povos Bantu de hábitos guerreiros e oriundos dos Grandes Lagos, forçaram a fuga destes povos primitivos para as regiões mais pobres em recursos.

Antes do séc. VII, foram estabelecidos entrepostos comerciais pelos suaílis-árabes⁷ na costa para trocar produtos do interior, fundamentalmente ouro e marfim por artigos de várias origens. O nome Moçambique, primeiramente utilizado para a ilha de Moçambique, primeira capital da colônia, teria derivado do nome de um comerciante árabe que ali viveu, Musa Al Bik, Mossa Al Bique ou Ben Mussa Mbiki.

Ocupação Colonial

No final do século XV começa uma penetração mercantil portuguesa no território, principalmente pela demanda de ouro destinado à aquisição das especiarias asiáticas. Já no início do século XVI, os portugueses fixaram-se no litoral onde construíram as fortalezas e feitorias através de processos de conquistas militares apoiadas pelas atividades missionárias e de comerciantes.

A esse ponto, o propósito já não era o simples controle do escoamento do ouro para a política mercantilista da coroa portuguesa, mas sim de dominar o acesso às zonas produtoras do ouro. As outras duas últimas foram a fase de marfim e de escravos na medida em que os produtos mais procurados pelo mercantilismo eram exatamente o marfim e os escravos, respectivamente.

Após a Conferência de Berlim (1884-1885) e da Partilha da África, Portugal passou a ocupar efetivamente o território moçambicano. Dada a incapacidade militar e

⁷ Etnia situada na costa leste da África, principalmente no litoral do Quênia, na Tanzânia e no norte de Moçambique.

financeira portuguesa, a alternativa encontrada foi o arrendamento da soberania e poderes de várias extensões territoriais a companhias majestáticas e arrendatárias. Estas se dedicaram principalmente a uma economia de plantações e um pouco do tráfego de mão de obra para alguns países vizinhos. No sul do país foi desenvolvida basicamente uma economia de serviços baseados na exportação da mão de obra para as minas sul-africanas e no transporte ferro-portuário via Porto de Maputo. A

ocupação colonial não foi pacífica. Os moçambicanos impuseram sempre lutas de resistência com destaque para as resistências. Na prática a chamada pacificação de Moçambique pelos portugueses só se deu no já no século XX.

A Luta pela Independência e projeto de construção nacional

A colonização portuguesa imposta a Moçambique foi a principal causadora dos movimentos que desencadearam a independência do país e sua descolonização. Legitimada por um conjunto de conceitos e valores que permeavam o ideário europeu desde o século XV, a dominação colonial manteve inferiorizada a população local. Introduziu-se o trabalho assalariado como um dever, sob a alcunha de *chibalo*, no século XIX. O colonialismo português em Moçambique teve bases num sistema econômico arcaico baseado na exploração da mão de obra local. Sem capital, Portugal não conseguiu desenvolver as economias de suas colônias de forma a estimular o mercado interno. Assim, instituiu a mão de obra forçada na produção agrícola, que era exportada para a metrópole, além da exportação de moçambicanos para trabalharem nas minas da África do Sul, obtendo receitas indiretas através do dinheiro enviado pelos trabalhadores às famílias.

A luta pela independência foi dirigida pela FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. Fundada em 1962, a organização teve origem na fusão de 3 movimentos constituídos fora do país: a UDENAMO (União Nacional Democrática de Moçambique), MANU (Mozambique African National Union) e a UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente). Sua orientação política marxista foi se definindo ao longo da luta armada. Eduardo Modlane, primeiro líder da organização, afirmou que a definição se deveu em parte à militância que já tinha conhecimento sobre o marxismo antes mesmo da luta e que sua participação vinha da necessidade de se opor ao colonialismo e de construir uma nova estrutura social.

O processo revolucionário em Moçambique pode ser caracterizado primeiro pela luta armada, de 1964 a 1974, iniciada no norte do país, a partir de sua base na Tanzânia, nas províncias de Niassa e Cabo Delgado, e depois pelo regime de transição, de 1974 a 1975, com o início do novo governo que pretendia estruturar as bases para o socialismo no país. Conforme os revolucionários venciam os colonos e conquistavam territórios, estabeleciam nessas áreas instituições que serviriam de base para o modelo social a ser implantado no país.

A partir de então, a FRELIMO despendeu cada vez mais ataques que contribuíram para abalar a estrutura colonial. A guerrilha de inspiração socialista tinha como um dos comandantes Samora Machel, que se tornou o líder da organização em 1970, após a morte de Eduardo Modlane, um dos fundadores e então líder da organização, assumiu a presidência do país após a independência. Depois de aproximadamente dez anos de conflito entre a guerrilha moçambicana e o exército dos colonizadores portugueses, Moçambique consegue sua emancipação em 1974, pondo fim à dominação colonial.



O comandante Samora Machel

Um dos fatos que ajudaram a desencadear os acontecimentos seguintes foi A Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal em abril de 1974 e que pôs fim à ditadura de Salazar no país. A MFA, o Movimento das Forças Armadas, que conduziu a revolução, estava decidido pelo fim das guerras no continente africano, apoiando os movimentos nacionalistas. Em junho do mesmo ano, iniciaram-se as negociações entre os portugueses e a FRELIMO, e em setembro foram assinados os Acordos de Lusaca, que resultaram no cessar-fogo, transferiram o poder para o partido sem eleições prévias e que, com apenas nove meses de governo de transição, estabeleceriam a independência de Moçambique em 25 de Junho de 1975.



Samora Machel, líder da FRELIMO e primeiro presidente de Moçambique, discursa na Proclamação de Independência do país, em 25 de junho de 1975. Nota-se como o poder se reveste de um caráter militar, devido à guerrilha, inclusive há a mulher vestida de forma militar.

Assim, o movimento de independência reivindicou-se como revolucionário, procurando romper com a ordem colonial pré-estabelecida e construir uma nova ordem social e política, descolonizada, popular e socialista, dirigida pelos membros do partido. A conquista da independência, primeira etapa do processo, abriria caminho para que tais objetivos fossem alcançados, e deveria contar com ampla participação da sociedade, e a reeducação viria a ser uma das etapas desse rompimento.

Após a Independência, com a República Popular de Moçambique proclamada em 1975, a FRELIMO assumia o governo em um regime de partido único. A partir de então, intensificaram-se as estratégias para a implementação do socialismo na nova nação. Socialismo que, segundo o presidente Samora Machel, deveria ser construído pelos povos locais e adaptado àquela realidade. Entretanto, o novo modelo proposto mostrou-se incompatível com algumas práticas culturais exercidas pela população, como as organizações sociais baseadas nas patrilinehagens e matrilinehagens – organizações familiares nas quais a ascendência se dá pelo lado paterno ou pelo lado materno, respectivamente, o lobolo, costume matrimonial no qual a família da noiva recebe dinheiro pela perda que representa o seu casamento e a ida para outra casa, e as práticas de curandeirismo, por exemplo, dando margem para o surgimento de conflitos com o

governo, além de uma grande vigilância comportamental que acusava determinadas atitudes como transgressoras e antirrevolucionárias.

TEXTO II

Os campos de reeducação

A Capital [Lisbon], 20 de Novembro de 1974

FRELIMO CRIA CAMPOS DE REEDUCAÇÃO

DAR-ES-SALAAM, 20 (R.) — O Governo Transitório de Moçambique criou campos especiais para a reeducação das prostitutas — declara o ministro da Administração Interna, Armando Guebuza, da Frelimo. Numa entrevista publicada ontem pelo quotidiano tanzaniano «Daily News», pertencente ao Governo, o ministro salientou que nesses campos uma vida nova será ensinada às prostitutas. Guebuza calcula que sob o regime colonialista português havia, só em Lourenço Marques, a capital, 75 mil mulheres que viviam do comércio do seu corpo.

«Recentemente desenvolveu-se uma campanha durante a qual muitas dessas prostitutas foram levadas da capital, estando agora a ser instaladas em certos campos onde procuramos consciencializá-las de modo a que possam aprender uma nova vida em conformidade com a sociedade que vamos criar», frisou.

Manchete do jornal português *A Capital* em 20 de Novembro de 1974, relatando a criação dos campos de reeducação. Nela, há dizeres como: “nesses campos, uma vida nova será ensinada às prostitutas” e “Recentemente desenvolveu-se uma campanha durante a qual muitas dessas prostitutas foram levadas da capital, estando agora a ser instaladas em certos campos onde procuramos consciencializá-las de modo a que possam aprender uma nova vida em conformidade com a sociedade que vamos criar”.

Os campos de reeducação existiram em Moçambique dos anos após a independência até meados dos anos 1980, quando a guerra civil entre FRELIMO e RENAMO os inviabilizou. Inspirados em Nachingwea, campo estabelecido na Tanzânia na década de 1960, eram lugares para onde iriam todos os que, de alguma forma, possuíam algum elemento que se desejava eliminar, como as prostitutas e os

“feiticeiros”⁸, por exemplo, pois representavam o tanto a dominação colonial e quanto as práticas consideradas primitivas e anticientíficas. Nos campos, os indivíduos seriam introduzidos a ideologia revolucionária - marxista-leninista - e ao trabalho nas *machambas*, os campos de cultivo coletivo.

A inspiração para os campos relaciona-se a própria criação da FRELIMO. Nachingwea, campo estabelecido na Tanzânia na década de 1960, serviu de inspiração sobretudo no que diz respeito às *machambas* comunais. Era um campo de treinamento militar dos revolucionários, com um ideal de igualdade e consciência das opressões vividas ao mesmo tempo em que se construía uma identidade coletiva e um comportamento moral digno da construção do Homem Novo. No início da luta armada, quando a FRELIMO controlava apenas pequena parte do território, encarregava-se de reunir a população em aldeias comunais em que se montavam cooperativas de produção, campanhas de educação e de saúde. O partido, formado por membros com distintas experiências de vida, via como uma necessidade a experiência do campo para o processo revolucionário como um meio de forjar uma identidade coletiva que se adequasse aos ideais da revolução.

Nas palavras de Samora Machel,

Os moçambicanos que se juntavam à FRELIMO, durante a Luta Armada, passavam todos por Nachingwea: era o filtro e o molde das consciências...O treino político-militar era a forja da unidade nacional, do pensamento comum, da consciência patriótica e de classe. Entrávamos lá macondes, macuas, nianjas, nhúngués, manicas, changanas, ajáuas, rongas ou senas, saíamos moçambicanos. Entrávamos pretos, brancos, mulatos, indianos, saíamos moçambicanos. Trazíamos, ao chegar, vícios, defeitos, egoísmo, liberalismo, elitismo. Destruíamos valores negativos, os valores reaccionários. Aprendíamos a assumir os hábitos, o comportamento do militante da FRELIMO. Entrávamos com visão limitada, porque só conhecíamos a nossa zona. Ali ganhávamos a dimensão do nosso País e os valores revolucionários. Entrávamos supersticiosos, no confronto entre a superstição e a ciência. Ganhávamos a visão científica. Éramos homens desorganizados, permeáveis ao boato e à intriga, à corrupção, sem capacidade de análise e de interpretação dos fenómenos. Aprendíamos ali a viver organizados, a interpretar correctamente a realidade e a agir sobre ela. Chegávamos, muitas vezes, animados apenas por um sentimento de revolta e de ódio contra o opressor; saíamos com a consciência clara dos objetivos por que lutamos, com a

⁸ Como eram designados aqueles que se dedicavam a prática da religiosidade ancestral e ao contato com os antepassados.

definição clara do inimigo. Por isso dizemos que Nachingwea era laboratório e era forja do Homem Moçambicano." (MACHEL 1981, pp.27-28).

Porém, se nas *machambas* comunais eram predominantes o trabalho, os campos caracterizavam-se pelo seu caráter punitivo, um lugar de onde o indivíduo potencialmente ameaçador ao processo revolucionário deveria sair como novo. A reeducação tornou-se um caminho extremamente violento, onde tais indivíduos passariam a viver sob um modelo de inspiração totalitária com intenso trabalho, imposição disciplinar, obediência à hierarquia vigente e castigos físicos, fatores que combinados resultariam na regeneração e na formação do Homem Novo. Vale ressaltar que a os campos não foram institucionalizados, ou seja, são considerados como um dos excessos do regime frelimista. As delações foram responsáveis por boa parte das deportações, e estavam ligadas à moral ou ao potencial contrarrevolucionário. Desta forma, mulheres acusadas de prostituição podiam a qualquer momento ser enviadas aos campos de reeducação.

Pouco se sabia sobre os campos nos anos que seguiram a independência, e até hoje o assunto continua como um assunto de difícil tratamento na sociedade moçambicana. Com o fim da guerra civil em 1992, a oposição generalizada contra as políticas impostas pela FRELIMO foi vitoriosa, fazendo desaparecer do estado institucional o marxismo-leninismo e também o combate a determinados costumes locais, considerado exagerado por grande parte da população. Porém, o tabu permaneceu, e onde antes havia o desconhecimento dos campos de reeducação e das práticas nele existentes, agora há pouco diálogo sobre a memória remanescente, e poucos são os que estão dispostos a abrirem as experiências ali vividas.

É importante que se fale das histórias individuais, pois, segundo Licínio, há pouco interesse em se ouvir e construir a memória coletiva dos campos por ainda se tratar de uma ferida aberta na sociedade moçambicana, sobretudo no que diz respeito aos limites do processo revolucionário e até que ponto a necessidade da construção do “nacional” é justificativa para se cometer arbitrariedades contra mulheres que fogem ao padrão hegemônico estabelecido local ou nacionalmente para as mulheres.

Apesar de o processo de reeducação ter sido suspenso por Samora Machel em 1981, a memória dos campos parece ainda estar bastante viva no seio da sociedade moçambicana, sendo um tema caro e sensível à população.

COMO ENCARAR A PROSTITUIÇÃO

Como encarar a prostituição, como encarar os agentes da prostituição? Para os mais simplistas trata-se de uma questão fácil de analisar ou, pelo contrário, ignoram os fundamentos da prostituição, procurando no comprimento de uma sala, na maquilhagem exagerada, em formas de trato mais extravagantes de uma mulher, uma tosca definição de «prostituta»; num bar com homens e mulheres que bebem cerveja ou qualquer outra bebida alcoólica, um «quadro de prostituição». Para outros, duas pessoas que dormem juntas sem terem assinado o contrato matrimonial, ou que simplesmente se passeiam em qualquer artéria de uma cidade em sítios menos bafejados pela luz eléctrica, também serão «casos de prostituição». É claro, como oportunisticamente convém, a «denúncia» destas «graves» situações é sempre feita com vários chavões que falam muito de corrupção, liberalismo, etc.

São casos em que a mentalidade pequeno-burguesa, o puritanismo, os preconceitos sociais e sexuais, a formação política de certos estratos sociais da sociedade interpretam os factos, sem que efectivamente se faça uma análise objectiva dos comportamentos das pessoas, sem que se faça uma análise, uma leitura política das situações.

A prostituição tem o seu fundamento na sociedade de classes, nas circunstâncias económicas, políticas, sociais e ideológicas engendradas por essa sociedade. Havia prostituição na Grécia Antiga, havia no período feudal, existe nos países capitalistas, existe nos países onde não as palavras, mas as condições políticas e ideológicas, as condições materiais, permitem que as pessoas tenham relações de dependência entre elas, quando não existem de facto novas relações entre as pessoas, onde não existem novos valores, nem condições e trabalho político que possibilite a formação de um homem novo.

O aspecto caricatural da prostituta na esquina ou no bar à espera de clientes é apenas uma pálida ilustração do que é a prostituição. Nas concepções burguesas de vida e relações sociais não é prostituta aquela que usa aliança, aquela que vai à missa, ou que perfiha os padrões de honestidade convencionados.

Também as relações entre as pessoas são eminentemente políticas.

O amor é um acto político. E quantos casais na prática sabem responder politicamente às solicitações quotidianas? Quantos não esquecem a política no escritório onde desempenham um «cargo de responsabilidade» ou na Sede do Grupo Dinamizador onde não faltam a qualquer reunião?

Para muitos, a política não entra na vida conjugal, nas relações entre as pessoas, ou por outras palavras, a política, a ideologia está presente, mas é a ideologia do inimigo, a ideologia reaccionária, exploradora e individualista. Por isso, não devemos pensar que, se acabarmos fisicamente com as prostitutas mais «visíveis» nos centros urbanos, acabamos com a prostituição.

A prostituição é inerente a um determinado sistema, onde são dominantes as relações de desigualdade entre as pessoas, onde a ideologia dominante permite que se forje a prostituição. Só eliminando as causas, as próximas e as remotas, se poderá eliminar a prostituição. O mesmo será dizer que só destruindo o sistema, a sociedade colonial-capitalista, só destruindo e eliminando a ideologia burguesa, acampamento inimigo nas nossas cabeças, só com a criação da SOCIEDADE NOVA, com a criação de fundamentos materiais e ideológicos que permitem a eliminação da exploração do homem pelo homem, a criação do HOMEM NOVO, se poderá eliminar a prostituição, FÍSICA E IDEOLÓGICAMENTE.

Ao falarmos de REVOLUÇÃO no nosso País, queremos dizer que estamos empenhados na transformação radical da realidade que nos rodeia, herdada da sociedade tradicional, herdada do colonialismo e do capitalismo, uma transformação que afecte essencialmente o HOMEM, que integre TODOS os moçambicanos numa nova sociedade. É aí que nós vamos encontrar os chamados «marginais». Marginais de quê? As prostitutas, os ladrões, os assassinos, os vadios, os chamados «drogados» são fruto de quê? Porque é que eles são isto ou aquilo e não são, muito normalmente, João ou Maria, enfermeiro do hospital ou empregada bancária? Eles são efectivamente marginais da sociedade capitalista, e a nossa obrigação, a função da Revolução é integrá-los na sociedade, porque se a Revolução existe é para transformar o Homem.

No nosso país, falamos em novas concepções de justiça, de remodelação dos esquemas prisionais. No nosso país, falamos em reeducar o Homem. Serão os centros de reeducação que existem no actual momento os centros ideais de reeducação? Pensamos que não.

Onde existe o novo, existe o velho. Onde existe o bom, existe o mau. Quando iniciamos uma nova tarefa temos possibilidades de acertar, mas também de errar. A transformação é um processo dialéctico. Ao implementarmos o novo, avançamos sobre o velho. Mai. concretamente, se existem erros, também temos capacidade para os analisar, para os superar. Não os reconhecer seria muito mais grave, e a prática tem demonstrado que estamos empenhados em eliminar efectivamente o velho, o mau, para implantarmos o novo. A contradição é, no entanto, permanente. Por isso achamos importante fazer este apontamento.

FERNANDO LIMA

Notícias [Maputo], 13 August 1976, p.4.

Segundo a FRELIMO, a prostituição era fruto do sistema colonial capitalista e só seria eliminada por meio da construção de uma nova sociedade e do Homem Novo.

Após a independência, Moçambique estava sob um governo de transição, que contava com um alto comissário português, Victor Crespo, e um primeiro-ministro da FRELIMO, Joaquim Chissano. Militares bloquearam ruas do centro de Maputo, tradicional reduto da boemia e da prostituição, com o objetivo de deter "agitadores e marginais", capturando muitas prostitutas que atuavam na região central da cidade. Foram detidas 284 pessoas, 192 eram mulheres e dessas, 142 foram levadas a um destino a princípio não revelado, mas que mais tarde soube-se que eram campos de reeducação localizados em regiões distantes da capital do país, como Niassa, por exemplo.

Essa operação caracterizava o cunho moral revolucionário, na qual os indivíduos deveriam ser trabalhadores exemplares que construiriam o socialismo por meio da eliminação dos inimigos da revolução e pela superação de tais comportamentos reprováveis associados ao colonialismo e ao capitalismo, construindo assim o “Homem

Novo". Esta construção só seria possível por meio do processo de reeducação, com trabalho, superação das diferenças sociais, religiosas, étnicas e regionais, e um comportamento moral exemplar.

O "Homem Novo" era um conhecedor e entusiasta do socialismo que, por meio do processo de "reeducação", transformava-se individual e coletivamente adquirindo novos valores condizentes com o novo regime. O triunfo da revolução passava então pelo surgimento do Homem Novo, tornando-se assim um dos principais objetivos a serem alcançados. Por um lado, buscava-se uma ruptura com os valores coloniais, tradicionais e burgueses e, por outro, atuava-se sobre contextos complexos da vida da população.

Apesar de considerar que homens e mulheres deveriam passar pelo processo de reeducação, a experiência pós-independência foi diferente para ambos. Segundo a FRELIMO, as mulheres tinham um papel a cumprir na recém-nascida nação moçambicana, um papel que não diferia muito do que lhes cabia nas estruturas pré-estabelecidas.

TRABALHO DA REEDUCAÇÃO FOI POSITIVO — constata II Seminário efectuado em Maputo

Foi realizado um trabalho bastante positivo no campo da reeducação, apesar das dificuldades de vária ordem, que foram enfrentadas. — Esta a constatação feita pelos participantes ao II Seminário dos Serviços de Reeducação, que decorreu em Maputo, de 15 a 19 do corrente mês.

T. (485) 23/1/60 p 2

Tendo concluído que os sucessos atingidos comprovam a justeza da linha política do Partido FRELIMO e das medidas tomadas pelo Governo com vista à reeducação de milhares de marginais e delinquentes que enxameavam sobretudo as zonas urbanas do País, o Seminário fez um apelo ao engajamento cada vez mais activo das outras estruturas do Estado e das Organizações Democráticas de Massas em todo o processo de reeducação, dentro do princípio de que «a reeducação é tarefa de toda a sociedade».

O balanço do trabalho efectuado pelo Serviço Nacional de Reeducação desde o I Seminário desta estrutura do Ministério do Interior (realizado em Novembro de 1976) e o estudo das formas de aplicação das orientações do III Congresso foram as bases desta reunião. O II Seminário analisou os relatórios dos Serviços de Reeducação e dos Serviços provinciais, tendo-se debruçado sobre os seguintes pontos:

— regulamentos provisórios dos Serviços de Reeducação; tratamento reeducacional dos reeducandos e a perspectiva de criação de um sistema penitenciário único; avaliação, estudo criminológico e avaliação dos reeducandos nos Centros de Reeducação; reintegração social dos reeducandos; produção agro-pecuária dos centros de reeducação;

educação; formação de quadros dos serviços de reeducação; formação profissional dos reeducandos e directiva sobre os métodos de trabalho político no seio dos reeducandos.

Entre as recomendações feitas pelo II Seminário salientam-se: a criação de um sistema penitenciário único, a introdução do regime progressivo no tratamento dos reeducandos, a produção agro-pecuária com vista à auto-suficiência e a corrente integração dos reeducandos no tra-



balho social útil como parte integrante do processo de transformação dos elementos anti-sociais e a reeducação de mulheres privadas de liberdade.

No seminário, que foi presidido pelo Ministro do Interior, Mariano Matsinhe, participaram quadros representantes do Partido, dos órgãos centrais do Estado e das organizações democráticas de massas e do Serviço de Reeducação.

Manchete da Revista *Tempo*, nº 485, pág.2, em que se lê que o trabalho de reeducação foi positivo apesar das dificuldades enfrentadas.

TEXTO III

Gênero e emancipação feminina



Manual da FRELIMO com as diretrizes da emancipação feminina no país. Nele, há dizeres como “*A emancipação das mulheres não é um acto de caridade, o resultado de uma atitude humanitária ou compadecida. A libertação das mulheres é uma necessidade fundamental para a revolução, o garante da sua continuidade e uma condição prévia da sua vitória. O principal objectivo da revolução é destruir o sistema de exploração e construir uma nova sociedade que liberte o potencial dos seres humanos, reconciliando-os com o trabalho e a natureza. É neste contexto que surge a questão da emancipação das mulheres* (MACHEL 1974, pp. 11-12). “ (1974).

Na imagem acima, a mulher está portando um fuzil. Apesar de não terem sido invisibilizadas no discurso público e de configurar um dos meios pelos quais mulheres puderam penetrar espaços tradicionalmente masculinos, a presença feminina na luta armada não significou sua emancipação. Na guerrilha, elas são vistas como sujeitos da violência, e seu status de guerrilheira torna-se parte de sua subjetividade, além de contribuir para a formação de uma identidade coletiva a parte, que se traduz por vezes em representação política e melhor status social. Além disso, uma mulher com uma arma na mão subverte códigos culturais e sociais dominantes, tendo as armas um forte valor simbólico e podendo ser vistas como marcadores sociais que empoderam a mulher ou representam processos de emancipação. Ainda assim, o militarismo permanece como um espaço quase que exclusivamente masculino, representando muitas vezes uma das facetas da opressão, não da emancipação.

Em 1975, com Moçambique já sob liderança da FRELIMO, o novo regime pretendia romper com as estruturas coloniais e capitalistas, assim como com as opressões social e política internas. Por isso, procurava limpar as ruas da prostituição e de tudo o que fosse considerado parte daqueles sistemas de dominação. Isso porque, naquele

contexto, a mulher teria um papel fundamental no processo revolucionário. Em discurso proferido em 1973, Samora Machel afirmava que a emancipação das mulheres não era um ato de caridade, mas sim uma necessidade fundamental para a revolução, que garantiria sua vitória e continuidade. Como o principal objetivo da revolução era destruir o sistema de exploração e construir uma nova sociedade, as mulheres eram peças centrais, pois eram vistas como primeiras educadoras e mantenedoras do lar, elementos através das quais a cultura se estabelece e se perpetua de geração em geração. Assim, para estabelecer uma nova sociedade, a participação feminina era essencial, mas não apenas no âmbito doméstico, já que a participação das mulheres na luta armada e nos cargos da burocracia estatal também era incentivada, por mais que elas sempre estivessem em número menor e tivessem menor representatividade.

Para os revolucionários, estava claro que era necessária uma emancipação feminina e que sua exploração era resultado do sistema de opressão pré-existente. A emancipação consistia, dentre outras coisas, eliminar comportamentos reprováveis associados ao capitalismo e ao colonialismo. Assim, dentre as primeiras medidas do governo de transição estava a repressão à prostituição e à vida boêmia.

Em Moçambique, o projeto cultural frelimista, apesar de se afirmar marxista, implicou, na maioria das vezes, na imposição das relações de gênero patriarcais e de origem cristã, como a da família nuclear monogâmica na qual o homem é o chefe, e não na organização de estruturas tradicionais de poder feminino, tendo origem tanto na herança colonial quanto na formação cristã ocidental de seus líderes, que impregnaram o projeto de uma forte moral conservadora. Apenas enxergava o gênero sob uma ótica, na qual o fim da dominação capitalista implicaria na libertação feminina, desconsiderando assim o peso cultural do patriarcado e do cristianismo nas relações entre homens e mulheres. Também erroneamente associou as estruturas sociais feudais pré-modernas como a fonte de toda a opressão, e a modernização como condição libertadora. Na prática, o ideal de emancipação feminina ia de encontro a essas questões.

Há, no entanto, que se considerar as configurações anteriores ao colonialismo. Nas regiões do norte de Moçambique, o matriarcado era um elemento característico das sociedades, no qual se traduzia em um regime harmonioso entre os sexos, com o poder político partilhado entre ambos, porém com predominância feminina, sobretudo devido à importância feminina na agricultura. Tal predominância proporcionava às mulheres vantagens econômicas e participação nos espaços públicos, como nas Assembleias

femininas, por exemplo, que seriam uma forma de organização característica dessas sociedades. Também era marcado pela emancipação feminina da vida doméstica e pelo coletivismo social. As sociedades matriarcais africanas seriam opostas às patriarcais, de origens europeias, que foram introduzidas pelo colonialismo na medida em que eram suprimidas as formas de organização originárias do continente.

Assim, atualmente existe a possibilidade de um feminismo africano em que se valoriza o papel da mulher enquanto matriarca, a solidariedade feminina e a participação coletiva das mulheres nas sociedades do continente. Dessa forma, o conceito de matriarcado

Relaciona-se com o estudo do parentesco, assim, a posição da mulher na sociedade se define pelo seu papel de mãe, seu poder emana das tarefas que sustentam a materialidade da unidade familiar, ou seja, a unidade matricêntrica. E, esta unidade matricêntrica que se define dentro do âmbito doméstico se projeta na comunidade através das organizações de mulheres que [...] são basilares e atravessam a história nas sociedades do continente africano (SCHOLL 2019, p. 177).

As concepções de gênero do projeto revolucionário da FRELIMO são uma demonstração de como a teoria muitas vezes dista da prática. As ideias, de orientação marxista, presentes em *A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia de sua continuidade, condição de seu triunfo* (1974), Samora Machel nega a diferença biológica como causa da exploração feminina, pois considera homens e mulheres produtos e vítimas da sociedade capitalista colonial, e que, portanto, deveriam combatê-la juntos. O ponto de partida da exploração da mulher e sua consequente opressão estariam no sistema de propriedade privada dos meios de produção, que fez com que a mulher tivesse seu trabalho apropriado pelo esposo, tornando assim o casamento um meio de acumulação de riquezas, de prazer e de outros trabalhadores, os filhos, sendo assim uma mão-de-obra gratuita que não se voltaria contra a exploração. O discurso defende uma emancipação através do alinhamento aos ideais revolucionários que reafirma às mulheres papéis de mãe, de primeira educadora, de elemento fundamental para a constituição dos revolucionários. Nessa concepção revolucionária, o colonialismo é considerado o introdutor do sistema de opressão - física, moral, racial - e o capitalismo como introdutor da opressão de classes. A exploração exige, então, uma ideologia que

transmita essas ideias, fazendo com que as mulheres, mantidas na ignorância, também ajudem a perpetuar sua condição de inferioridade.

A importância dada ao papel da mulher no lar pode ser também fruto da própria tradição que em algumas sociedades africanas a colocava como cuidadora e alimentadora das famílias, e não fruto da sociedade patriarcal. Porém, mesmo se considerarmos esse aspecto, parece contraditório que a FRELIMO visse na mulher uma função social ligada a tradições étnicas africanas ao mesmo tempo em que quisesse, em parte, combatê-las. A construção dos diálogos no longa-metragem mostra a crítica ao modelo patriarcal de bases ocidentais acerca do papel social da mulher no processo de reeducação, mas não se pode negar que tais papéis sociais também estavam presentes em algumas sociedades tradicionais.

TEXTO IV

Colonialismo, Nacionalismo e práticas condenáveis

Dentre as formas de violência colonial existentes na ex-colônia, podemos citar a demonização dos costumes religiosos e conhecimentos locais, a adoção da língua portuguesa como única oficial e a discriminação cultural e racial, o trabalho forçado, o uso do direito e das autoridades tradicionais através do governo, a pilhagem de recursos naturais, o deslocamento maciço de populações e a assimilação forçada.

A colonialidade instituída traduzia-se na imposição de uma classificação social dos indivíduos desejáveis e indesejáveis para no processo de formação nacional. Devido à internalização da colonialidade, os colonizados herdaram atitudes reacionárias e autoritárias do sexismo colonial. Essa internalização e o desejo de se tornar o dominante dentro daquele território talvez sejam fruto de raízes advindas do colonialismo e possam explicar também as escolhas da FRELIMO preferenciais em relação a língua portuguesa, com o objetivo de manter a unidade num país em que se falam mais de trinta línguas, ao estado laico, apesar de estar impregnado de uma moral cristã conservadora, e de gênero, com papéis bem definidos para homens e mulheres, são de grande significado simbólico para um governo que dizia querer uma ruptura completa com as estruturas coloniais.

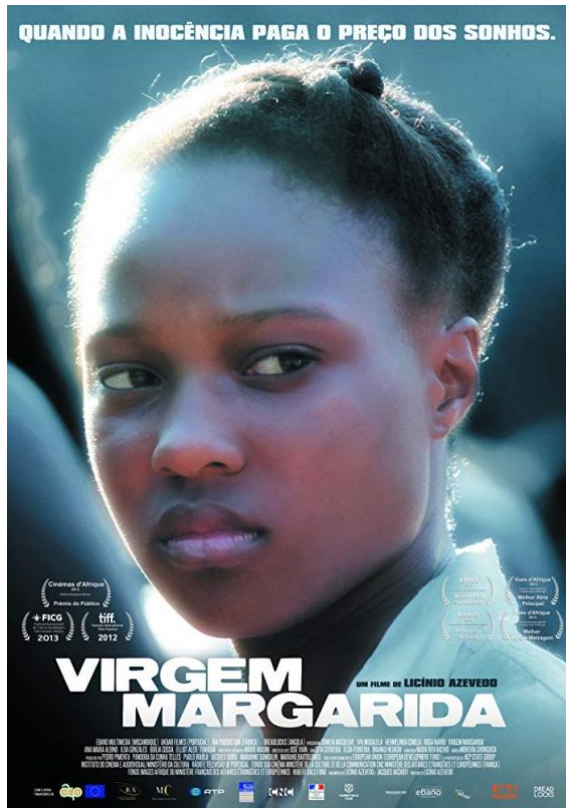
Segundo Eduardo Modlane, o nacionalismo moçambicano havia nascido da experiência do colonialismo europeu. A fonte de unidade nacional é o sofrimento comum

durante os últimos cinquenta anos sob o domínio português. O movimento nacionalista não surgiu numa comunidade estável historicamente com uma unidade linguística, territorial, econômica e cultural. Em Moçambique, foi a dominação colonial que deu origem a comunidade territorial e criou as bases para uma coerência psicológica, fundada na experiência da discriminação, exploração, trabalho forçado e outros aspectos da dominação colonial.

Essa ideia reitera a luta contra o colonialismo e os comportamentos a ele associados, sendo necessária a formação de uma consciência nacional comum para que o "Homem Novo" se formasse. Assim, a concepção de consciência nacional é construída por meio do elemento anticolonial comum a experiência de formação da nação, como por exemplo a delimitação territorial, a soberania do Estado português e a luta contra ele, e ao sentimento de pertencimento àquela comunidade de moçambicanos. Com o movimento de independência, símbolos, narrativas nacionais, eventos e experiências partilhadas dão sentido à ideia de nação. Em Moçambique, porém, o projeto nacional excluía aqueles sujeitos em posições sociais não-dominantes, como pode ser visto no caso dos campos de reeducação, assim como na utilização do cinema como instrumento da construção da identidade nacional, sobretudo quando se fala na intenção de introduzir numa população majoritariamente analfabeta os ideais da nova nação.

TEXTO V

Material de divulgação, sinopse e ficha técnica



Sinopse:

Em finais de 1975, após a vitória contra a colonização portuguesa na guerra pela independência, prostitutas de norte a sul de Moçambique foram levadas para centros de reeducação na convicção de que, através da disciplina e trabalhos forçados, impostos por militares de pureza revolucionária, corrigissem a "má vida" e se transformassem na "mulher nova" socialista. Mas um equívoco desestabiliza as mulheres: Margarida, que nunca esteve com um homem, foi igualmente levada.

Ficha Técnica:

Direção: Licínio Azevedo

Roteiro: Licínio Azevedo, Jacques Akchoti

Produção: Pedro Pimenta, Pandora da Cunha Telles, Pablo Iraola

Nacionalidade: Moçambique, Portugal, França e Angola

Duração: 90 minutos

Gênero: Drama

Idioma: Português

Elenco: Sumeia Maculuvu, Rosa Mario, Iva Mugalela, Hermelinda Cimela, Victor Gonçalves, Ana-Maria Albino

Prêmios: African Movie Academy Award: Melhor Atriz Coadjuvante

TEXTO VI

“Cheguei a acreditar que, através da revolução, era possível purificar o ser humano, criar uma nova sociedade. Agora quero compreender o lado humano destes processos, a contradição dos grandes ideais que, por vezes, se transformam em tragédias pois as pessoas que os dirigem são mais fracas do que os mesmos. No filme, um dos conflitos é o percurso entre as prostitutas e as guardas dos centros de educação, encarregues de reeducar as outras mulheres, que eram militares e camponesas da luta pela independência, com uma visão tão deturpada do país que nem sabiam o que era a prostituição. Os próprios soldados que faziam as capturas, acabados de chegar da guerrilha, não estavam habituados à cidade e equivocavam-se com uma saia curta ou um vestido mais ousado. Levavam mulheres para os campos só porque se vestiam de maneira diferente, usavam batom, ou não tinham documentos. No filme temos por exemplo a amante, a namoradinha com a mãe em casa, a dançarina mãe de família que deixou os filhos pequenos sozinhos e a virgem.”

Reeducação de Mulheres, entrevista a Licínio Azevedo sobre o filme "Virgem Margarida". **Jornal**

Público, 10 de Setembro de 2012.

TEXTO VII

“Bem, há muitos anos atrás o Ricardo Rangel mostrou-me uma fotografia de dois militares, uma fotografia feita logo após a independência. Dois militares que escoltavam uma prostituta com o objetivo de que ela fosse levada para um centro de reeducação, e o Ricardo Rangel deu como título a essa fotografia “A Última prostituta”. Então, inspirado por essa fotografia, baseado nessa fotografia, eu também há muitos anos atrás fiz um documentário muito clássico, contrário do tipo de documentários que eu faço, baseado em entrevistas com senhoras que estiveram lá nos centros de reeducação, tanto reeducandas prostitutas quantos as militares comandantes. E nesse documentário é que fiquei conhecendo, que elas contaram-me a história de Margarida, que diziam que era uma jovem, uma camponesa adolescente, que era virgem, e que veio a Maputo comprar o enxoval do seu casamento, veio junto com uma tia. Então ela estava no momento errado, no local errado, e não tinha bilhete de identidade e foi levada junto com aquelas mulheres que estavam sendo levadas para fora de Maputo.

Então a história dessa moça que era virgem, que dizia que era virgem e dizia “eu sou virgem, sou virgem, não sei porque estou aqui” no meio de setecentas senhoras com uma vida da cidade, com vivência completamente diferente, e como ela morreu no processo, é uma história da tragédia da vida desta camponesa, uma história muito humana. E então como eu gosto de fazer documentários quando são sobre fatos que estão acontecendo, não sobre o passado, sobre pessoas estão vivas para participarem do documentário. Então como era sobre a história de uma moça que já não estava viva eu preferi fazer uma ficção.”

[...]É bom dizer o seguinte, que o filme é apenas inspirado em fatos e personagens reais, a história é totalmente ficcional, e os acontecimentos são baseados em documentações e tal mas são todos ficcionais, há muita coisa mágica relacionada, muitas coisas que são na realidade inverossímeis, muita fantasia, e é uma ficção.

A personagem principal na verdade não é a Margarida, a Margarida é a história do filme e tudo que se passa em volta dela, as personagens principais. porque é uma fábula sobre aspectos humanos, a história da tragédia de uma jovem, que mostra como o indivíduo às vezes é levado no meio de grandes movimentações de massa e o indivíduo não tem forças de se opor àquilo. Basicamente a Margarida é como uma folha seca de uma árvore levada pela correnteza de um rio. Então esse é o aspecto humano e filosófico que me interessou contar, mas também há outro aspecto importante. Por isso eu digo que as personagens principais são as prostitutas, com características muito fortes, em oposição às militares e ex-combatentes responsáveis pela reeducação, responsáveis pelo centro. E aí nesse sentido também é um filme é muito simbólico sobre o tema da libertação da mulher, porque elas acabam se libertando a elas próprias nesse processo.”

Entrevista com Licínio Azevedo. Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo. **Jornal A Verdade**, Maputo, 14 de Abril de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=13NoKxKgCPM>>. Acesso em: 22 de Novembro de 2018.



O Último Pão. RANGEL 2004 p.100 Foto: Ricardo Rangel.

TEXTO VIII

“Eu acho uma maravilha (o festival). O que falta aqui é exatamente isso. Eu deixei de ir ao cinema em Moçambique nos últimos anos, eu moro um pouco distante da cidade e é sempre muito complicado ir a cidade à noite, e não há salas de cinema com os filmes que eu gosto de ver e que eu acho que são aqueles filmes serviriam para acrescentar algo ao conhecimento do nosso público, seja do ponto de vista cultural, histórico ou humano. Então sempre faz falta dar a possibilidade às pessoas [...]

Porque a gente só ouve aqui as notícias dos países africanos, as guerras e tragédias aqui e ali, e os aspectos importantes culturais a gente não vê, a gente perde muito com isso e fica desconhecido o nosso próprio mundo, por isso que o cinema é um instrumento de conhecimento.”

Entrevista com Licínio Azevedo. Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo. **Jornal A Verdade**, Maputo, 14 de Abril de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=13NoKxKgCPM>>. Acesso em: 22 de Novembro de 2018.



O diretor do longa-metragem, Licínio Azevedo.

TEXTO IX

Hino da mulher moçambicana⁹

*“Cantemos com alegria o sete de Abril:
O dia consagrado à Mulher Moçambicana;
Companheira inseparável do homem engajado
Na luta contra a velha sociedade exploradora*

*Quem é?
Aquele que mobiliza e organiza o nosso Povo
Quem é?*

*Aquela que produz e alimenta os combatentes
É a Mulher Moçambicana emancipada
Que destrói as forças da opressão.*

*Lutando com firmeza contra as ideias velhas,
Ignorância, obscurantismo, poligamia ou lobolo;
Levando no olhar a certeza da vitória,
Sabendo que a vitória se constrói com o sacrifício*

*Quem é?
Aquele que ergue alto o farol da Liberdade*

⁹ Hinos Revolucionários de Moçambique, 25 de Junho de 1975.

*Quem é?
Que grita ao mundo inteiro
Que a nossa luta é a mesma*

*É a Mulher Moçambicana emancipada
Que traz o Povo no seu coração.*

*Do Rovuma ao Maputo, unamos nossas forças
Cimentemos a unidade ideológica do Povo;
A FRELIMO já traçou a Política do Povo
Que deve ser vivida e difundida, noite e dia*

*Avante, Moçambicanos,
Avante, Homens e Mulheres,*

*Na Unidade, no Trabalho e Vigilância:
Venceremos a Exploração”.*

VÍDEOS COMPLEMENTARES

Virgem Margarida

<https://youtu.be/KLgw9XptG3s>

Sinopse

<https://www.youtube.com/watch?v=YjajvItPGRw>

Margarida

<https://www.youtube.com/watch?v=hGeV59OkHoE>

Maria João

<https://www.youtube.com/watch?v=iM5XTak2I5o>

Rosa

<https://www.youtube.com/watch?v=9sMxIz6Q20w>

Suzana e Luísa

<https://www.youtube.com/watch?v=6BijHeKePZ8>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DO CADERNO DE ATIVIDADES:

Acordo de Lusaka. Disponível em: < https://pt.wikisource.org/wiki/Acordo_de_Lusaka >
Acesso em: 07 de Julho de 2019.

Entrevista com Licínio Azevedo. Primeira Semana de Cinema Africano de Maputo. **Jornal aVerdade**, Maputo, 14 de Abril de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=13NoKxKgCPM> >. Acesso em: 22 de Novembro de 2018.

ALMEIDA, Rogério de. CINEMA E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 33, e153836, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100107&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 jul. 2018. Epub 03-Abr-2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698153836>.

ARENAS, Fernando. Retratos de Moçambique pós-Guerra Civil: a filmografia de Licínio de Azevedo. In: BAMBÁ, Mahomed; MELEIRO, Alessandra (orgs.). **Filmes da África e da diáspora: objetos de discursos**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 75-98.

ARNFRED, Signe. Notas sobre gênero e modernização em Moçambique. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.45, p.181-224., Julho-Dezembro de 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332015000200181&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 25 de Novembro de 2019.

AZEVEDO, Licínio. Cinema e engajamento ideológico e social. In: **Africultures - Les mondes en relation** Maputo, Agosto de 2017. Disponível em: <africultures.com/licinio-azevedo-cinema-engajamento-ideologico-e-social-14312/>. Acesso em 20 de Agosto de 2018.

BAMBÁ, Mahomed. O parti-pris ideológico e estético de dois brasileiros na formação de um cinema pós-colonial em Moçambique (anos 70-80). **Interin** 12.2 (2011): 1-11. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/504450765004.pdf>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2020.

BERGALA, Alain. **A Hipótese-Cinema – Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola**/ Adriana Fresquet - 1ed.;1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GROSFOGUEL, Ramón. **Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. Disponível em: < <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/pensamento-e-ciencia/2106-2106/file.html> > Acesso em 19 de Maio de 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed. Rio de Janeiro: LP & A, 2006.

HOUNTONDJI, Paulin J. **Conhecimento de África, Conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos**. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. Disponível em: < <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/pensamento-e-ciencia/2106-2106/file.html> > Acesso em 19 de Maio de 2018.

MACHEL, Samora. "A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia de sua continuidade, condição de seu triunfo". *Coleção Estudos e Orientações*, n. 4, Frelimo: CEA – UEM, 1974. Disponível em: < http://www.mozambiquehistory.net/politics/frelimo/_estudos_e_orientacoes/est_orient_n_04.pdf >. Acesso em: 27 de Janeiro de 2019.

MACHEL, Samora. **Desalojemos os infiltrados nas forças de defesa e segurança**. Coleção Palavras de Ordem, n. 22. Frelimo, 1981. Disponível em: <http://www.mozambiquehistory.net/politics/frelimo/_palavras_de_ordem/19811105_no.22.pdf>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2020.

MONDLANE, Eduardo. Resistência: a procura de um movimento nacional. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). **Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais**. Lisboa: Edições 70, p. 333-354.

MACAGNO, Lorenzo. Fragmentos de uma imaginação nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 70, jun. 2009, p. 17-36. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v24n70/a02v2470.pdf> > Acesso em: 19 de Julho de 2019.

MACAGNO, Lorenzo. Política e cultura no Moçambique pós-socialista. **Revista Novos Estudos** nº 67, Novembro de 2003, pp.75-89. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/47621114-Politica-e-cultura-no-mocambique-pos-socialista-1.html> >. Acesso em: 10 de Agosto de 2019.

MALOA, Joaquim Miranda. O lugar do marxismo em Moçambique: 1975-1994. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 122, julho de 2011, pp. 90.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

McCLINTOCK, Anne. Pós-colonialismo e o anjo do progresso. In: McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 15-42.

MELEIRO, Alessandra. Terceira Metade: Transnacionalização de talentos e tecnologias no cinema moçambicano. In: **Afroscreen**, 24 de junho de 2011. Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/afroscreen/terceira-metade-transnacionalizacao-de-talentos-e-tecnologias-no-cinema-mocambicano>>. Acessado em: 10 de julho de 2019.

NEWITT, Malyn. **A Guerra de Libertação**. In: NEWITT, Malyn. História de Moçambique. Publicações Europa-América, 1995, pp. 447-465.

NEWITT, Malyn. **Após a Independência**. In: NEWITT, Malyn. História de Moçambique. Publicações Europa-América, 1995, pp. 466-494.

PINHO, Osmundo. Descolonizando o feminismo em Moçambique. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 955-972, Dec. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300026&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300026>.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

RANGEL, Ricardo. O pão nosso de cada noite. Maputo: Marimbique, 2004.

ROSENSTONE, R. A. **A história nos filmes, os filmes na história**. 2ª edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, apud FERREIRA, Rodrigo de Almeida. História pública e cinema: o filme Chico Rei e o conhecimento histórico. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 275-294, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862014000200275&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 12 jul. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862014000200004>.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1991.

SORANZ, Gustavo Soranz. O Instituto Nacional de Cinema e outras experiências audiovisuais em Moçambique no seu período pós-colonial//THE NATIONAL INSTITUTE OF CINEMA AND OTHER AUDIOVISUAL EXPERIENCES AT MOZAMBIQUE'S POST COLONIAL PERIOD. **Contemporânea-Revista de Comunicação e Cultura**, v. 12, n. 1, p. 147-164, 2014. Disponível em:<<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/8790/7537>>. Acesso em: 19 de Março de 2019.

SOUTO, Amélia Neves de. **Cronologia da descolonização portuguesa e o pós-independência em Moçambique**. Mimeo, Maputo, 2007 apud THOMAZ, Omar Ribeiro. "Escravos sem dono": a experiência social dos campos de trabalho de Moçambique no período socialista. *Revista de Antropologia*, vol. 51, nº 1 (janeiro-julho 2008), pp. 177-214. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/41616676>>. Acesso em: 08 de Janeiro de 2019.

THIONG'O, Ngugi Wa. A descolonização da mente é um pré-requisito para a prática criativa do cinema Africano? In: MELEIRO, A. (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política, mercado: África, vol. I**. São Paulo: Escrituras, 2007. p.25-32.

THOMAZ, Omar Ribeiro. "Escravos sem dono": a experiência social dos campos de trabalho de Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**, vol. 51, nº 1 (janeiro-julho 2008), pp. 177-214. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/41616676>>. Acesso em: 08 de Janeiro de 2019.